

A religião como um espaço de aprender e ensinar música: um estudo na Igreja Católica em Porto Alegre/RS

MICHELLE ARYPE GIRARDI LORENZETTI

Doutora em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); realizou seu estágio de Doutorado Sanduíche pela CAPES na Alemanha. Possui Mestrado e Licenciatura em Música e Bacharelado - Habilitação Canto pela UFRGS. Possui especialização em Música Ritual (FACCAMP - Campo Limpo Paulista/SP). Atua como professora substituta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS – Campus Alvorada) e realizou seu estágio de pós-doutorado na UFRGS de 2021 a 2022.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9979812300053839>

Orcid ID - <https://orcid.org/0000-0001-5613-8058>

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa que teve como objetivo investigar as relações educativo-musicais presentes na Igreja Católica de Porto Alegre. A questão norteadora indaga como ocorreu a aprendizagem musical de pessoas que atuam neste contexto e como o ensino de música é desenvolvido. Para realizar esta pesquisa, optei pela abordagem qualitativa, realizando um estudo de caso. Para elaboração do referencial, foram consultados Souza (2004, 2014), Setton (2008, 2012) e Petitat (2011). De um total de 203 pessoas envolvidas com música na igreja, foram selecionadas doze que atuavam como professores e/ou formadores de música. Sobre a aprendizagem musical, identificaram-se diversos processos que não ocorrem fixos nem isolados, mas de maneira dinâmica, estando interligados inclusive com outras instâncias formativas. Descreveram-se: a aprendizagem que ocorria na prática (aprender fazendo); o aprender no grupo; a autoaprendizagem; o aprender em cursos, ensaios e festivais na igreja. Esta pesquisa contribui para a reflexão de como os processos de educação musical ocorrem na Igreja Católica e amplia o olhar sobre o aprender e o ensinar música.

PALAVRAS-CHAVE

Música na igreja, religião, aprender música, ensino de música, relações educativo-musicais.

ABSTRACT

This paper presents the results of research that aimed to investigate the educational-musical relations present in the Catholic Church of Porto Alegre. The question was how the musical formation of people who work in this context occurred and how the musical teaching was developed. To carry out this research, I opted for a qualitative approach, doing a case study. For elaboration of the reference, Souza (2004, 2014), Setton (2008, 2012) and Petitat (2011) were consulted. From a total of 203 people involved with music in the Church, twelve were selected because they worked as teachers and/or music trainers. Regarding musical learning, several processes were identified that do not occur fixed or isolated, but in a dynamic way, being interconnected even with other formative instances. The following were described: the process of learning, which occurred in practice (to learn while doing); learning in group; self-learning; learning in courses, rehearsals and church festivals. This research contributes to the reflection about how these processes of musical education occur in the Catholic Church, thus increasing how to see learning and teaching music.

131

KEYWORDS

Music in the church, religion, learning music, music teaching, educational-musical relations.

1. Introdução

Este artigo discute dados de uma pesquisa realizada em âmbito de mestrado a partir de uma perspectiva teórica da vida cotidiana e parte de um “conceito alargado de formação musical, entendendo que a dimensão educativa está presente nas práticas musicais realizadas em diferentes contextos, sejam eles escolares ou não escolares” (SOUZA, 2014, p. 92). Dentro dos espaços de interesse da educação musical encontram-se as religiões que podem ser vistas como instâncias socializadoras e educativas, assim como a mídia, a família e a escola. Para Setton (2008, p. 17): “a família, a religião, a escola seriam, então, instituições ou subespaços sociais capazes de projetar entendimentos sobre a realidade dos indivíduos ajudando-os a construir o convívio, a ordem e ou a transformação social”. Estes espaços, além de projetarem entendimentos sobre a realidade como aponta Setton (2008), também possibilitam a criação de significados para o fazer musical e as práticas pedagógico-musicais ali realizadas.

As igrejas são parte destes múltiplos lugares no qual encontra-se a prática pedagógico-musical. Em algumas ocasiões, esta aprendizagem ocorre em ensaios, prática musical em conjunto, aulas, cultos, missas, rodas de amigos. São múltiplas as maneiras de ensinar e aprender música nas igrejas e esta pesquisa visou investigar as relações educativo-musicais presentes na Igreja Católica de Porto Alegre. Porto Alegre é sede de uma das arquidioceses do Rio Grande do Sul. A Arquidiocese de Porto Alegre contava na época da pesquisa com 29 municípios, 157 paróquias e 727 comunidades.

• 132

Santos e Figueiredo (2003, p. 725) destacam que “[...] a igreja tem sido uma instância de formação musical”, sendo um espaço que oportuniza “a participação imediata na prática coletiva”, garantindo “uma imersão na experiência musical” (p. 727). As igrejas como instâncias de formação e “as atividades de educação musical que ocorrem no contexto religioso cristão”, como mencionam Brito e Almeida (2019, p. 3), “têm sido estudadas por um número crescente de pesquisadores brasileiros”. Os trabalhos retratam contextos da igreja Presbiteriana (NOVO, 2015), Católica (LORENZETTI, 2019;

NETO, 2017), Assembleia de Deus (SOUZA, 2015), Congregação Cristã (BRITO, 2016) e Luterana (WEINGÄRTNER, 2018), entre outros.

Pesquisas como a de Travassos (1999) revelaram que muitos estudantes de graduação em música tiveram sua iniciação musical em igrejas e encontram ali seu estímulo para estudar. Estes locais são, muitas vezes, considerados inclusivos por não exigirem pré-requisitos técnicos (TRAVASSOS, 1999), configurando-se assim como locais de interesse para a educação musical. A formação de professores de música para atuar em contextos musicais religiosos é problematizada por Reck, Louro e Rapôso (2014) a partir de diários de aula produzidos por alunos da Licenciatura em Música da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O entrelaçamento entre músicas e religiosidade já havia sido destacado por Torres (2004) ao analisar a constituição musical de alunas da graduação em pedagogia. Nas palavras da autora: “[...] surpreendi-me com a multiplicidade de fatos e lembranças musicais que emergiam juntamente com as práticas religiosas, compondo diferentes cenas e aspectos da religiosidade” (TORRES, 2004, p. 64).

Não apenas na área de educação musical, mas nas diversas áreas de conhecimento pode-se observar um número crescente de produções que investigam o tema música e religião (igrejas), como os trabalhos de Teologia (DOLGHIE, 2007; EBERLE, 2011) Ciências da Religião (VIEIRA, 2012), Ciências Sociais / Sociologia (SILVA, 2012), Comunicação (CUNHA, 2004), entre outros.

Considerando essas produções tive como objetivo na pesquisa realizada investigar as relações educativo-musicais presentes no contexto da Igreja Católica de Porto Alegre. As questões que orientaram a pesquisa foram: Como se aprende música na igreja? Como se ensina? Quais são as concepções de aprendizagem e ensino existentes? Meu interesse em tratar deste tema refere-se à minha própria experiência em aprender e ensinar música na igreja. Este foi um espaço importante para que eu vivenciasse a música na adolescência e optasse pela continuidade dos estudos musicais. Quando passei a ensinar neste espaço, percebi que novas reflexões se faziam necessárias, e fui apoiando-me nas teorias do cotidiano para realizar investigações sobre o tema.

O presente artigo está estruturado em quatro partes. Após essa introdução serão apresentadas as escolhas teóricas e os caminhos metodológicos percorridos, os dados gerados a partir da investigação, e, por fim, as considerações e reflexões finais.

2. Referencial Teórico-Metodológico

Para investigar a formação musical que ocorre na igreja, através de aprendizagem e ensino, tomando duas das dimensões propostas por Petitat (2011), adotou-se o conceito de relações educativo-musicais. Para Petitat (2011, p. 365), “[...] a educação deriva da inserção em relações – às vezes escolares, mas, a maior parte do tempo, não escolares – e que toda relação comporta uma tripla dimensão de transmissão, de aprendizagem e de socialização”. O autor ainda descreve dois polos de relações: aquelas que buscam a aprendizagem especificamente e aquelas que possuem instruções, pausas educativas.

Na pesquisa realizada, a educação musical que ocorre nas igrejas foi compreendida como estas relações que, em momentos, visam à aprendizagem, mesmo não tendo esta como sua tarefa primeira e, em outros possibilitam estas instruções. Com embasamento em Petitat (2011) as relações educativo-musicais na igreja são entendidas como algo que ocorre em alguns momentos no polo de que a pessoa entra em relação, observa, conhece as dinâmicas e, nessa participação vai modificando-se e modificando as dinâmicas; e em outros momentos recebe dicas, instruções para que saiba como agir neste meio. Por vezes há sistematização de conteúdos, horários, e existem também projetos bem estruturados. Segundo Petitat (2011, p. 366), “pode mesmo acontecer que a educação integrada às relações cotidianas seja objeto de uma minuciosa regulamentação”.

Petitat (2011) descreve três abordagens que podem ocorrer ao olhar para estas relações: a do educador (inculcação, transmissão); a do aprendiz (aprendizagem); a de inserção relacional (socialização). Esse autor destaca que estas relações advêm “de mecanismos simultaneamente conscientes e inconscientes” (PETITAT, 2011, p. 369). Petitat (2011, p. 368) conceitua socializar como “habitar em profundidade mundos relacionais”, significando “experimentar a pluralidade das práticas e das representações, encarar as oposições de valores, as distâncias de sentidos e crenças” (PETITAT, 2011, p. 368).

Além do embasamento em Petitat, foram utilizados como pressupostos teóricos a noção de igreja como instância socializadora e educativa, tomando como referência Setton (2008, 2012). Setton (2008, p. 15-16) sugere que os

estudos¹ se ocupem também de outras “matrizes de cultura, como a família, as mídias [...], a religião, pois são espaços produtores de valores morais e identitários, são, por excelência, espaços formadores de consciência”. Estas instâncias não estão isoladas, mas interagem entre si.

As instâncias de socialização são matéria importante de estudo para os educadores, pois estes se deparam constantemente com a realidade múltipla de estilos de vida (SETTON, 2012). A religião e a cultura “são fenômenos que oferecem espaço para empreender um diálogo entre indivíduo e sociedade”, onde existe a possibilidade de entendimento de relações entre o mundo material e simbólico (SETTON, 2012, p. 95).

Compreender que as igrejas são um destes espaços de formação de identidade, de valores requer compreender a música nesse contexto, não somente em seus aspectos técnico-musicais, mas também, como prática social, conceito utilizado por Souza (2004, 2014). Para a autora “entender a música como prática social significa compreender que as exigências técnico-musicais estão ligadas às práticas de sociabilidade nos grupos, na família, na escola, na igreja e na comunidade”. (SOUZA, 2014, p. 95). Segundo Souza (2004, p. 10), as pessoas constroem-se “nas vivências e nas experiências sociais em diferentes lugares, em casa, na igreja, nos bairros, escolas, e são construídos como sujeitos diferentes e diferenciados, no seu tempo-espacço”. Souza (2004, p. 10) ainda aponta que compreender as práticas sociais é importante referência para “analisar como [os alunos] vivenciam, experimentam e assimilam a música e a comprehendem de algum modo”. A música enquanto prática social neste contexto de igreja possibilita lançar o olhar para os significados, histórias, trajetória.

Em relação à metodologia a pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, compreendendo o grupo de pessoas que atua na igreja como uma unidade, um caso que possui em comum a vivência musical neste contexto. Segundo Flick (2009, p. 135), “o termo ‘caso’

¹ A autora cita a Sociologia da Educação, mas podemos também destacar a necessidades de estudos sobre estas instâncias também na Música.

deve ser entendido aqui de forma bastante ampla”, referindo-se à possibilidade de adotá-lo como tema de uma análise de caso, pessoas, comunidades sociais, entre outros.

A pesquisa passou por diversas fases, sendo divididas em três grandes momentos: preparação para o campo, que contou com um levantamento inicial; coleta de dados, que teve questionário e entrevista e análise de dados. As reflexões foram feitas a partir dos dados gerados, juntamente com as considerações a partir do diário de campo e conversas informais.

Para conhecer quem eram estas pessoas que atuavam com música no contexto católico, foi feito um levantamento inicial. Anselm Strauss citado por Kaufmann (2013, p. 60), ao descrever sobre o processo de construção do objeto, propõe que se faça “uma imersão nos fatos” para que depois melhor se escolha. Inicialmente foram anotados alguns nomes e através do contato com estas pessoas foi possível conseguir o contato de outros, o que é conhecido como método “bola de neve”². Foram registrados nomes, contatos (e-mail e/ou telefone), local de trabalho (local de atuação musical na igreja), funções como músico na igreja, quem indicou aquele contato. Estes registros foram realizados no período de um mês, o que possibilitou dados de duzentas e três pessoas.

² No método “bola de neve” são identificadas algumas pessoas do campo, e estes primeiros contatos vão indicando novas pessoas, que passam a indicar outros possíveis participantes. Isto torna possível uma ampliação da rede de contatos, muitas vezes que são referência em um tema a partir do contato com os próprios interessados no assunto.

No primeiro exercício de reflexão sobre os dados desse levantamento inicial, foram identificadas quinze categorias de funções na atuação musical na igreja (Figura 1), dentre elas: “ensaiador”, cantor, salmista, “organizador” do repertório, instrumentista³, organeiro e outras. Dessas, mereceram atenção para a presente pesquisa as categorias de



professor e formador.

137

- Figura 1. Categorias: funções musicais na Igreja Católica, 2015. Figura elaborado pelo(a) autor(a).

A partir dos dados que já havia deste levantamento inicial, optou-se por um questionário *on-line*. As categorias, assim como os demais dados, auxiliaram a elaboração deste instrumento por conterem informações sobre as diversas maneiras de atuar com música na igreja, o que exigiria atenção ao tipo de pergunta realizada no questionário.

A utilização do questionário passou a ter o papel de uma etapa exploratória do campo na pesquisa. Foram 85 questionários respondidos e a partir dele foram selecionados os possíveis entrevistados: aqueles que

³ Os nomes foram registrados a partir das sugestões advindas dos colaboradores no levantamento inicial. A categoria “instrumentista” engloba os diversos instrumentos tocados na igreja.

responderam ter atuação como formadores e/ou professores, reduzindo a 17 pessoas (11 professores, 5 formadores e um que se disse professor e formador). A partir do contato, 12 pessoas interessaram-se em colaborar com a pesquisa. Todos os entrevistados denominavam-se católicos e tinham entre 25 e 58 anos. Três possuíam formação acadêmica em música, dois eram estudantes de graduação música, outros dois que faziam cursos na extensão universitária em música e cinco que já haviam realizado diversos cursos, mas não possuíam vínculo acadêmico com a música. Os entrevistados optaram pela utilização dos seguintes codinomes: Teixeira, Ricardo, Isabel, Ricardo Fa, Ari, Marcos, Cesar, Junior, Organista-regente, Lena, Roberto e Clarissa⁴.

3. Aprendizagem e ensino musical na Igreja e as relações com outras instituições formativas

Investigar sobre a aprendizagem musical que ocorre no âmbito da igreja, em especial na Igreja Católica em Porto Alegre, significa compreender os diversos processos de formação que aí se desenvolvem. Pelo questionário respondido por 85 pessoas, conforme citado anteriormente, é possível observar que a igreja foi assinalada por 58% das pessoas como um dos locais no qual aprenderam música, evidenciando-se, pois, como um local importante na aprendizagem musical, juntamente com outras instituições formativas.

Focando nos doze entrevistados que responderam ter atuação como formadores e/ou professores, o interesse em aprender música na igreja aparece muito vinculado ao ser católico. Cesar, um deles, relaciona sua aprendizagem ao fato de estar envolvido com a igreja, pois toda a sua “aprendizagem musical foi em função da igreja [...] Na verdade, só em função da igreja”.

A aprendizagem musical na Igreja Católica acontece, muitas vezes, no próprio fazer. A teoria musical não é considerada como prioridade, porque, frequentemente, ter alguém tocando interessa mais do que ter alguém que saiba profundamente a teoria, mas que não compreenda o tocar/cantar na igreja. Segundo Junior, “tem coisa que tu pegas na prática mesmo, não tem muito que teorizar [...]. Junior destaca o quanto sua aprendizagem esteve

⁴ Neste artigo será utilizado somente o codinome escolhido pelos colaboradores para referenciar suas falas. Os trechos escolhidos encontram-se na dissertação de Lorenzetti (2015).

vinculada ao fazer musical nas rotinas da Igreja. Ele percebe que, mesmo nas aulas um pouco mais sistematizadas que teve na igreja, não aprendeu muito e que seu “evoluir” ocorreu com a prática musical nas missas e no grupo de jovens.

Deste modo “prático”, é possível ter os primeiros contatos com a música, conforme relata Teixeira que, apesar de perceber suas limitações técnico-musicais, valoriza o início deste processo. No relato de Teixeira, percebe-se que seu interesse para seguir estudando música está vinculado à participação nas atividades musicais da igreja:

[...] embora incipiente, sem ser formal, sem ser formalizado, sem ser com teoria musical por trás, [a igreja] me colocou num processo de conhecer alguma coisa em relação à música. Tocava violão muito mal, mas, tava me envolvendo com o instrumento. Cantava sem ter muitos conhecimentos de afinação, de tonalidades, mas foi um processo de início, e daquela vez então eu não desisti [...]. Continuei na caminhada musical em função de estar participando da Igreja, do canto dentro da Igreja, do canto, da música. (TEIXEIRA. In: LORENZETTI, 2015, p. 58)

Foi recorrente entre os entrevistados a descrição de que não houve um período em que pararam para aprender. A aprendizagem ocorria nos diversos momentos e nas diversas relações. Gomes (2011), ao descrever a transmissão e as aprendizagens musicais na família, as caracteriza como “difusas” ou “silenciosas”, por serem, assim como na igreja, algo que parte da observação, do aprender sem saber que se aprende. Estes processos educativos são aqui compreendidos no ir e vir dos polos de relações apresentados por Petitat (2011), tendo grande importância o interesse da pessoa e os vínculos criados neste contexto religioso.

Os grupos de música na igreja configuram-se de diversas formas. Setton (2009, p. 17) explica que a música pode ter a “capacidade de articular o indivíduo a um grupo”. Essa ideia aparece exemplificada no relato de Teixeira, quando conta sobre o apoio que recebeu no grupo, as relações entre os mais velhos e os mais novos e como isso evitou que ele desistisse de aprender música:

Alguns jovens que já tocavam e cantavam, ensinavam os mais novos, que queriam aprender. Então comecei a aprender violão novamente ali. O grupo me deu muito apoio e dessa vez eu não desisti tão facilmente, então, comecei a me envolver com música na igreja, ali, com aquelas pessoas. [...] Era com os mais velhos que iam nos dando as dicas e assim foi. Então comecei a tocar tanto na tarde no grupo, como na missa. [...] (TEIXEIRA. In: LORENZETTI, 2015, p. 65)

Estas relações que se estabelecem nos grupos e que envolvem as trocas entre os membros mais antigos e os mais novos também é relatada por Marcos e Lena. Marcos contou sobre a experiência com violão, no qual “o pessoal foi passando conhecimento de um pro outro”. Lena, assim como Teixeira e Marcos, também participou de grupos de jovens, e relata um processo similar no qual eles mesmos foram “passando” e os outros “foram aprendendo”, e assim seguia a troca com os mais novos já ensinando outros que chegavam.

Os grupos de jovens configuram-se como um espaço no qual a música é vivenciada intensamente e os processos de aprendizagem são muito dinâmicos, sendo, em grande parte, transmitidos de jovem para jovem. Para Marcos, o mais intenso não ocorre tanto pela troca de materiais, mas pelo fazer música junto, como relata: “o maior intercâmbio musical que tem é de tocar junto, não tanto de entregar cifra, partitura”, mas sim no fazer “parte de um grupo [...]”.

Os cursos, ensaios e festivais foram citados como espaços nos quais é feita uma experiência de aprendizagem musical. Os festivais para os grupos de jovens também se mostraram como espaço para vivências musicais. Eles envolvem composição, criação de arranjos, *performance* no palco e, até mesmo, a experiência como jurado. Ari, Lena, Humberto, Isabel e Marcos foram alguns dos entrevistados que vivenciam festivais. Ari comenta como um local que se estava “criando música mesmo”. Algumas destas músicas criadas passavam a circular, posteriormente, entre as paróquias dos jovens.

Um olhar sobre as aprendizagens musicais feitas pelos entrevistados revela os múltiplos espaços, as diferentes atividades e os modos específicos de aprender e fazer música neste ambiente religioso católico. Se as religiões, como destaca Setton (2008), configuram-se como uma instituição formativa, pode-se afirmar o mesmo para Igreja Católica na pesquisa investigada. A igreja se

comunica com outras instâncias socializadoras, e a aprendizagem ali feita se relaciona com as outras instâncias formativas. Os sujeitos, como seres sociais, realizam escolhas e práticas que revelam tensões e flexibilidades existentes entre as diversas instituições. Por exemplo, família, escola, igreja e mídia estabelecem relações que podem potencializar a aprendizagem musical.

A família aparece com muita força nas falas de Ari e de Lena. Ambos comentam como se tornaram conhecidos na paróquia como “Família Rodrigues”. Lena descreve:

Da minha família tinha os tios e os sobrinhos. Todo mundo toca na nossa casa, e graças a Deus, todo mundo participa da igreja. Lá na paróquia o pessoal meio que intitulou o grupo de família Rodrigues, porque realmente tinha bastante gente da família (risos). E aí foi assim... nunca houve uma aprendizagem, uma parada, ‘nós vamos aprender’. Não! Estamos aprendendo junto, estamos desenvolvendo o trabalho juntos. (LENA. In: LORENZETTI, 2015, p. 75)

Lena participava de um grupo de jovens e casais que cantavam e tocavam, sendo que dos vinte participantes que tocavam violão e cantavam, oito eram da mesma família. Lena lembrava de suas participações quando criança na missa, pelo fato de sua família ir também.

141

• Ari ressaltou que na sua casa sempre tinha um violão, e que a aprendizagem passava de um para outro através do “faz assim, faz assado”, “põe dedo aqui, põe dedo ali”. Segundo Ari, os oito irmãos ficavam cuidando quem ia largar o violão para ter a chance de pegá-lo. Os irmãos mais velhos desempenharam um papel importante ao “dar alguns acordes” para os mais novos. As suas lembranças remetem aos momentos que sua família se divertia tocando, fazendo festas, dançando.

Isabel falou de suas lembranças da mãe cantando e seus pais a levando para as missas dominicais. Sua mãe cantava em coral e a levava junto, o que a fazia ir aprendendo as vozes. Na sua casa tinha acesso a muitos discos e cantava várias cantigas de roda.

Diferente das situações anteriores, Clarissa não cresceu em um ambiente musical católico. Seu ambiente familiar sempre foi muito musical, mas

não possuía uma vivência de igreja. Após seu pai falecer, ela voltou ao bairro em que havia morado, para cuidar de sua mãe, e se ofereceu para auxiliar na igreja como regente. Sua aprendizagem se desenvolveu principalmente na família, mas ela decidiu oferecer à igreja seus serviços, mesmo não tendo ali vivenciado a aprendizagem.

Ricardo, Isabel, Teixeira e Ricardo Fa comentam sobre a aprendizagem musical desenvolvida em escolas de música, tendo sido impulsionados pelas experiências feitas na igreja. Estar tocando na igreja foi o que motivou Ricardo a procurar a escola de música:

Afora a aprendizagem inicial, tudo o que aconteceu depois foi por intermédio da Igreja. Mesmo essa busca de aprendizagem lá na [Escola de Música] Palestrina foi motivada pelo fato de eu tá tocando na Igreja, de eu ter os compromissos e querer fazer algo um pouco melhor. [...] A Igreja tem um significado muito grande nessa minha aprendizagem, nessa minha busca. (RICARDO. In: LORENZETTI, 2015, p. 80)

Teixeira lembrou que tinha aulas teóricas e práticas de violão em uma escola de música, mas, segundo ele, o que aprendeu assumiu real sentido só posteriormente, quando se confrontou com a prática musical na igreja.

As escolas de educação básica também foram referenciadas, • 142 especialmente aquelas que eram confessionais. Cesar, que atua profissionalmente em escola confessional, conta que “troca figurinhas” com outros agentes de pastoral⁵ de escolas católicas e sempre “tem música envolvida”. Foram lembradas por Isabel as aulas no ensino fundamental, cantando, tocando flauta, desenhando e as experiências extracurriculares, como em conjunto instrumental. Lena também recordou que sempre estava envolvida com as manifestações culturais da escola.

As mídias apareceram como instituição formativa, percebendo-se, na pesquisa, sua estreita relação com a igreja. A comunicação na igreja vem sendo

⁵ Agentes de pastoral, neste contexto, são pessoas que atuam especialmente em escolas confessionais auxiliando na vivência da fé e dos valores humanos, conforme a característica da escola.

ampliada, devido à necessidade de adequação à sociedade atual e observa-se sua participação maior nos meios tecnológicos como rádio, televisão e internet. O rádio aparece como um meio através do qual se desenvolveu a aprendizagem musical de Isabel, Roberto e Marcos. Isabel cita dois meios voltados para o público religioso: Rádio Aliança (FM 106,3 de Porto Alegre/RS) e TV Canção Nova.

A Canção Nova, comunidade com sede em Cachoeira Paulista/ SP, aparece como um local formativo no qual Isabel investia o dinheiro que juntava, ao final do ano, em viagens até lá. Ela considera ter sido este seu maior formador, através de livros, partituras, fitas cassete, CD's e, como citado anteriormente, do canal de televisão. Isabel comenta: "Meu maior formador foi a Canção Nova. Eu busquei muitos livros, o livro do padre Jonas, Músicos em Ordem de Batalha e tinha uns retiros de músicos, que eu não podia assistir e eu comprei uma parabólica [para assistir a esse canal]". Isabel fazia um investimento pessoal compreendendo que esta instância formativa, a TV Canção Nova e os produtos que eram comercializados a partir dela, poderiam contribuir para sua atuação na igreja e para seu desenvolvimento pessoal.

Lena reconheceu duas redes televisivas como importantes na sua aprendizagem: Canção Nova e Rede Vida. Ela contou que ouvia músicas e aprendia para tocar na missa. O repertório também era aprendido por Lena através de um blog com músicas gravadas e cifras em um processo de autoaprendizagem.

Essa discussão toma importância ao ser refletida à luz dos fenômenos da mídia e de quanto aquilo que é apresentado por rádios e televisões católicos vem impactando a ação musical na igreja. As inter-relações que ocorrem entre as diversas instituições de ensino de música e a igreja não permitem dizer, precisamente, que o aprendizado ocorre em um só lugar. Observa-se, em diversas falas, que, independente do local de aprendizagem, há o desejo de que o conhecimento seja “aproveitado” no contexto da prática musical.

Quanto à atuação dos colaboradores como músicos e ensinando música na igreja, observam-se relações que não estão livres de tensões e incompreensões, tais como, ser remunerado ou não para atuar, lidar com aspectos de tradição e novidade, a formação para esta atuação, entre outras. Para Roberto, trabalhar no meio musical e ser músico na igreja exigem ter que trabalhar em diversas funções, como ser organista, dar aula de canto e de instrumento. Ele chega a caracterizar este fazer com o termo “polivalente”. Sua fala é concluída com a observação de como ele está aprendendo com isso:

143

•

A gente acaba trabalhando no meio musical... Até no meio da igreja a gente acaba tendo que trabalhar em diversas funções, e a gente tá meio sozinho ali. Tu é o organista, só que tu tem que ensaiar um grupo de canto e dar aula de instrumento [...] Então acaba que tu tem que ser polivalente. Mas é interessante que acaba te abrindo caminhos e te sugerindo novas possibilidades. (ROBERTO. In: LORENZETTI, 2015, p. 91)

Os entrevistados destacam questões referentes ao ser músico na igreja e enumeram os conhecimentos requeridos para poder ser assim reconhecido. Teixeira defende que não basta ser um bom músico, pois é necessário compreender algumas questões específicas sobre o atuar na igreja. Para ele, o músico da igreja “precisa ter um conhecimento técnico, mas também bíblico-litúrgico [...]”, além da vivência espiritual e de um conhecimento teológico.

A espiritualidade é considerada por Isabel como importante para quem se propõe a tocar na igreja. Assim como Teixeira, ela lista conhecimentos significativos referentes à igreja, como a doutrina e a liturgia. Para ela, “o músico que se propõe a tocar na igreja tem que trabalhar espiritualidade também, porque [...] não tá tocando em qualquer lugar”.

As questões técnico-musicais, apesar de serem consideradas relevantes, não são as mais valorizadas. É destacada, com veemência, a importância de compreender o contexto no qual a música acontece.

Há outros fatores que necessitariam de maior investigação e discussão, como as peculiaridades deste trabalho na igreja: trabalhar à noite, aos domingos; funções assumidas como cantar, tocar, dar aulas, produzir materiais, selecionar repertório; remuneração e, até mesmo, a formação específica necessária.

Mesmo com todas dificuldades e tensões presentes, as igrejas configuraram-se como um espaço de atuação profissional para músicos. Roberto, assim como Clarissa, atua profissionalmente, e conta que ele se sustentava com seu trabalho na igreja, pois ali iniciou como profissional da música, tendo, pela primeira vez, sua carteira assinada: “Eu desenvolvi um trabalho com o grupo de cantos que já existia há 11 anos. Eles tinham um organista que os acompanhava. Já estavam há 2 anos sem organista, e eu passei então a trabalhar com eles”.

Organista-regente começou a atuar na igreja de forma voluntária, por sentir necessidade de melhorar a qualidade musical local. Na cidade em que

vivia anteriormente, não havia o costume de pagar os músicos. Ele até diz: “querem que alguém doe o órgão e que o organista venha de graça”. Com o desenvolvimento desse voluntariado, Organista-regente passou a ser reconhecido e foi contratado para atuar – “só para fazer isso [tocar órgão]”.

Ricardo Fa também atua profissionalmente na igreja. Como professor de violão ele tem a possibilidade de sistematizar o que é vivenciado por seus alunos nos grupos de jovens. Ele relata que uma de suas alunas solicita o repertório que outros do grupo estão tocando. Para ele, “tem bastante violão nesses encontros” de jovens e é um espaço “muito legal” por utilizarem músicas da igreja.

Oficinas, aulas particulares, aulas em grupo, cursos e coros na Igreja Católica descritos, na pesquisa visam, em geral, suprir as necessidades do serviço litúrgico, porém acabam não se restringindo somente a esta função, constituindo um espaço de muitas trocas, no qual aqueles que possuem papel formativo acabam vivenciando experiências que auxiliam sua própria formação.

4. Considerações finais

Este trabalho se propôs a apresentar um recorte da dissertação de mestrado que investigou sobre o aprender e ensinar música, tomadas aqui como relações educativo-musicais, reveladas por pessoas que atuam na Igreja Católica de Porto Alegre/RS.

145

Sobre a aprendizagem musical foram identificados diversos processos que ocorrem de maneira dinâmica, estando inclusive interligados com outras instâncias formativas (família, escolas de música, escolas de educação básica e mídia). Os achados possibilitaram descrever: aprendizagem ocorrida na prática (aprender fazendo); aprendizagem no grupo; os cursos, ensaios e festivais; autoaprendizagem, como espaços potencializadores de educação musical. A igreja, nesta pesquisa, configurou-se como um local de muitas aprendizagens, não só técnico-musicais, mas também interpessoais.

Quanto à atuação e ao ensino, a pesquisa mostrou a importância da discussão sobre ser músico na igreja e/ou ser músico da igreja, tendo sido exposta a necessidade de conhecimentos diversos, que não se referem somente às questões técnico-musicais. Compreender o contexto se torna importante para conseguir atuar neste meio.

Neste artigo não foram aprofundadas questões referentes à atuação destes professores e/ou formadores. Futuros trabalhos poderão aprofundar a discussão sobre o profissional que atua neste espaço e que precisa lidar com conhecimentos específicos, faixas etárias amplas, remuneração, relação com os voluntários, horários (noites e finais de semana).

A atuação musical e o ensino de música na igreja revelam concepções do ser músico neste espaço e mostram suas especificidades. São encontrados meios para suprir a formação de músicos neste meio, como oficinas, aulas particulares, aulas em grupos, cursos, coros. São espaços de trocas no qual aqueles que possuem papel formativo acabam vivenciando experiências que auxiliam sua própria formação. Os resultados aqui apresentados contribuem para a reflexão sobre como os processos de educação musical ocorrem na Igreja Católica, assim ampliando o olhar sobre o aprender e ensinar música, o que é viabilizado pelas lentes teóricas da vida cotidiana.

Referências

BRITO, Carlos Renato de Lima; ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. Aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte. **Revista Vortex**, Curitiba, v.7, n.1, p. 1-24, 2019.

BRITO, Carlos Renato de Lima. **Aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte**. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

• 146

CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. **Por uma Sociologia da produção e reprodução musical do Presbiterianismo Brasileiro**: a tendência Gospel e sua influência no culto. Tese (Doutorado em Teologia). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

EBERLE, Soraya Heinrich. **Cantar, contar, tocar...: a experiência de um grupo de louvor para a formação teológico-musical de jovens.** 2011. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Traduzido por: Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Celson. Educação musical na família: as lógicas do invisível. **Revista da Abem.** Londrina, v. 19, n. 25, p. 30-40, jan-jun. 2011.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva:** um guia para pesquisa de campo. Tradução Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. **Aprender e ensinar música na Igreja Católica:** um estudo de caso em Porto Alegre/RS. 2015. 167f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/114671>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. **Formar-se e ser formador:** rotas formativas musicais de religiosos no contexto católico brasileiro na perspectiva da sociologia da educação musical e da vida cotidiana. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

147

• Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/193128>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

NETO, Fernando Martins de Oliveira. **Música e Religiosidade:** um estudo sobre a transmissão musical na Comunidade Católica Shalom – Missão Natal/RN. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

NOVO, José Alessandro Dantas Dias. **Educação musical no espaço religioso:** um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa- Paraíba. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

PETITAT, André. Educação difusa e relação social. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 365-377, maio/ ago, 2011. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/20798>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

RECK, André Müller; LOURO, Ana Lúcia; RAPOSO, Mariane Martins. Práticas de educação musical em contextos religiosos: narrativas de licenciandos a partir de diários de aula. **Revista da ABEM**. Londrina, v. 22, n. 33, p. 121-136, jul./dez, 2014.

SANTOS, Marcia Simão; FIGUEIREDO, Theógenes Eugênio. "Ia porque tocava. Tocava porque ia." – o ambiente de ensino aprendizagem como fator de sentido: depoimento dos que lidam com música eclesiástica. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 12, 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEM, 2003, p. 722-728.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos SERU**, [s. l.], série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Reflexões sobre a dimensão social da música. **Comunicação e Educação**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 15-22, 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Socialização e Cultura: ensaios teóricos**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2012.

• 148

SILVA, Edson Alencar. **Quem toca a música do povo de Deus?** Um estudo sobre a música gravada por evangélicos no Brasil, anos 1970-90. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004.

SOUZA, Jusamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. **Educar em Revista** [online]. Curitiba. n. 53, p. 91-111. jul/set. 2014.

SOUZA, Priscila Gomes de. **Templo Central da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Natal/RN**: um estudo sobre música e educação musical. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. Entrelaçamentos de lembranças musicais e religiosidade: “quando soube que cantar era rezar duas vezes...”. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 11, p. 63-68, set. 2004.

TRAVASSOS, Elizabeth. Redesenhando as fronteiras do gosto: estudantes de música e diversidade musical. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 5, n. 11, p 119-144, out. 1999.

VIEIRA, Carlos Eduardo da Silva. **O gosto pelo canto coral protestante no Brasil**: histórias e tensões em um campo musical. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

WEINGARTNER, Daniela. **Os sentidos das práticas musicais da comunidade da Velha Central, em Blumenau-SC**. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

- Como Citar

ARYPE GIRARDI LORENZETTI, M. A religião como um espaço de aprender e ensinar música: um estudo na Igreja Católica em [nome da cidade/XX]. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 19, n. 1, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v19n1a2023-66164. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/66164>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.